

Estátuas

Lina Cristiane de Albuquerque

As imagens eram engolidas às pressas umas pelas outras, antes mesmo de se desvanecerem no ar. Gostava de contemplar a vida através da janela cinematográfica do ônibus. Agradava-lhe a subtileza das mudanças visuais e o pensamento entrecortado pelos estímulos externos. Apenas, um ligeiro temor do risco das palavras fiadas por alguma sensação ou idéia. Escritor. Poderia ter sido músico ou pintor, mas se envolvera tão completamente no deleite de imaginar histórias para as coisas e pessoas escorregando pelos seus olhos, que não houve outra escapatória. Mais apaixonado que propriamente talentoso. Lembrava-lhe Borges: "Nos mercados populosos ou no sopé de uma montanha de cuméada incerta, na qual podia haver sátiros, escutara complicadas histórias, que rece-

beu como recebia a realidade, sem perguntar se eram verdadeiras ou falsas." Outras vezes, era intransigente e não ouvia a ninguém. A mulata de sorriso pérfido talvez não pensasse na próxima sessão de macumbas, mas, se o delírio do mago assim o desejasse, inútil seria qualquer objeção. E no seu reino interior, o homem do rosto intelectual, o qual nunca vira antes, arquitetava um plano para salvar o mundo. O desenho do leão endemoniado no muro fora feito por um jovem esbaforido e inseguro. Intuição ou inverdade, não importava. E assim prosseguia, interromtendo-se na pintura do mundo, acrescentando pinceladas da maneira que mais convinha a sua imaginação.

Encontrava-se absorto no parágrafo anterior, desejando modificá-lo. Não o agradava a linearidade

percebida e foi quando surgiu a sua frente uma estátua da mais típica normalidade. Surpreendeu-se com a aparição do busto de um homem de meia-idade, amorfo e corriqueiro. Suas histórias costumavam ser extravagantemente inusitadas. Não, não se deixaria entreter pela estátua. Preferia o sabor das paragens misteriosas, da intermitência das sensações, da inconstância dos párias. Desprezava a obtusidade de certas coisas tachadas de "normais" pela sociedade. E era este o sentimento que a imagem lhe produzia. Busto de um burguês tolaemente acordado, frequentador assíduo de festas e jornais. Alguém que sempre tinha o que contar, atento mais aos fatos do que à sutileza das entrelinhas.

Escritor farto da facticidade de superfície dos jornais. E se, por vezes, empregava-se em algum deles, era porque suas economias eram parcas demais para suportar a total e voluptuosa entrega aos arredores da imaginação. Mas tal era a insistência do busto a fixar-se, que, por um momento, provocou-lhe um arripio mesclado de encanto e horror. Que diabo, um artista é ou não senhor da sua arte? Acreditava que fosse, E, com um pouco de receio, abandonou por completo a imagem que o incomodava, para penetrar em outras brumas.

Mas, depois do surgimento da estátua, nada mais conseguiu criar. Os dias subsequentes revelaram-se demasiado tensos. Pouco a pouco, perdia a vontade de escrever. A imagem parecia perseguir-lhe a cada desabrochar de uma nova inspiração, impedindo a concretização de qualquer idéia no papel. E, atento às fantasias internas, começou a perceber que a desejava secretamente nos sonhos mais perturbadores. Como seria possível que uma simples e incipiente estátua pudesse provocar tão inesperado efeito aos seus sentidos? No entanto, enquanto tivesse forças, lutaria contra ela.

Uma profunda letargia veio ocupar o espaço antes reservado à criação. Já não mais escrevia contos mirabolantes. Empregou-se como revisor de matérias num jornal conceituado. Nas horas vagas encontrava-se com a mais recente amante, com a qual em breve estaria casado. Sentado na cadeira de espectador, assistia à fruição fácil dos acontecimentos. Estava estabelecido e aquilo bastava no momento. Entretanto, por vezes, sentia-se ridículo diante da postura adquinada. Desconfiava que ela não passasse de uma couraça vestida pela sua impotência criativa, a fim de mascarar a verdade. Era nestes instantes que uma pressentida aparição da estátua se tornava insuportável.

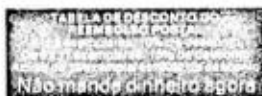
Foi num dia de desespero profundo que a imagem reapareceu. Tamanha foi a excitação, que tomou aquele busto pelo de uma pessoa viva. Mas ela estava realmente viva! E, eram impressionantes as palavras que saíam de sua boca: "Renegaste o teu dever maior e é por isso que tua obra deve morrer. Mas antes saiba que um artista nunca é dono de sua obra, pois a arte pertence ao universo." Imediatamente o busto de bronze despedaçou-se, espalhando-se pelo chão. Apavorado, confrontou-se com os olhos da estátua destrocada. Agora sabia, eram os seus olhos! Os estilhaços restantes destruíam uma pretensa ordem que escondia o caos interno. Chamava-se corpo. A desordem, porém, era vaga e inominável. Por trás do petrificado semblante austero, via-se uma labareda de imagens sucessivas, flashes de um mundo onírico e transparente. Uma mulata fazendo macumbas. Um intelectual pretendendo salvar o mundo. Um leão picado no muro.

O escritor vomitou formigas. Elas, indiferentes, prosseguiram suas vidas, apertando-se uma a uma, como se estivessem em um ônibus lotado. Algumas poucas, sequiosas de um sentido maior, jamais desistiram.



Relendo a História

Os libertários do início deste século — anarquistas, socialistas utópicos, marxistas, maximalistas — unindo suas forças, lançaram o jornal A VOZ DO TRABALHADOR, que permanece como o testemunho das dificuldades, acertos e desacertos da história vivida pela classe operária brasileira nesse período. Coube à Imprensa Oficial do Estado, ao Centro de Memória Sindical, ao Arquivo Histórico do Movimento Operário Brasileiro, ASMOB, ao Arquivo Edgard Leuenroth, da Unicamp, e à Secretaria de Estado da Cultura, a tarefa de recuperar esta rica coleção de jornais, colocando-a ao alcance do grande público.



A VOZ DO TRABALHADOR

Nome
 Endereço
 Bairro CEP
 Cidade Estado
 Telefone
 Data do Pedido
 N.º de Exemplares

AGÊNCIAS
 Último Percurso - São Paulo - Aracaju - Recife - 27 0140
 Maré - Recife - 01 - Maré - Aracaju - 274 - Recife - 276 1132
 Estado - Recife - 01 - Maré - Aracaju - 274 - Recife - 276 1132
 Estado - São Paulo - Maré - Aracaju - 274 - Recife - 276 1132

IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO S.A. IMESP
 Rua do Maracá, 741 - Fone: 261 3344 (Ramo 261)
 01000-000 - São Paulo - SP

Valor: conforme tabela anexa

* CÓPIA REDUZIDA

Este conto foi premiado em março de 85 pelo Ateneu Paulista do Rotary Club de São Paulo.